



A INCLUSÃO EDUCACIONAL DE ALUNOS COM AUTISMO: UM ESTUDO DE CASO

Élida Cristina Santos da Silva¹
Theresinha Guimarães Miranda²

Resumo: *O presente trabalho visa refletir sobre as possibilidades e os desafios encontrados na inclusão educacional de alunos com autismo, bem como analisar as relações estabelecidas entre o professor, o aluno com autismo e os colegas no cotidiano escolar e o impacto dessas interações no processo de inclusão. Para tanto, foram realizadas observações em uma sala de aula onde estava incluído um aluno com autismo. A opção metodológica adotada foi o estudo de caso, que é um enfoque qualitativo de pesquisa. Os resultados evidenciaram que apesar das dificuldades encontradas no processo de inclusão educacional de alunos com autismo é possível a inclusão educacional, desde que sejam garantidas as condições básicas para o atendimento das necessidades educacionais especiais desses alunos. Constatou-se ainda que apesar das pesquisas, apontarem que a pessoa com autismo apresenta dificuldade em relação às interações sociais e do aluno observado apresentar tais dificuldades, ocorreram interações sociais entre o aluno, professora e os colegas de classe. Essas interações foram benéficas para o aluno, pois, facilitavam o processo de inclusão e através delas o aluno era estimulado a abandonar comportamentos agressivos, estereotípias e apresentar condutas mais aceitáveis socialmente.*

Palavras-chave: Inclusão Escolar; Autismo; Interações Sociais

INTRODUÇÃO

A educação é um direito garantido pela Constituição a todas as pessoas, e, se esse direito fosse de fato assegurado, não haveria necessidade de tantas discussões e publicações sobre inclusão escolar. Verifica-se, no entanto, que há uma parcela da população, dentre as quais as pessoas com deficiência e/ou necessidades educacionais, especiais, a qual foi negado esse direito.

Em relação às pessoas com autismo³, por exemplo, durante muito tempo foi privilegiado o tratamento clínico, em detrimento do atendimento educacional. Atualmente, diante das propostas de inclusão escolar, a educação em espaços não segregados passa a ser um direito requerido por essas pessoas e seus familiares. Contudo, percebe-se que a inclusão de alunos com autismo não é uma tarefa fácil, pois, tais alunos apresentam características peculiares, bastante diferenciadas dos demais alunos, como: dificuldade na interação social, comunicação e comportamentos repetitivos que prejudicam sua relação com familiares, colegas, professores e constitui-se em um verdadeiro desafio para que a inclusão se efetive.

¹ Graduada em Pedagogia e Mestranda em Educação - Faculdade de Educação/UFBA (Bolsista FAPESB). E-mail: elidaelen@bol.com.br

² Doutora em Educação e Professora da Faculdade de Educação/UFBA. E-mail: tmiranda@ufba.br

³ O autismo, ou transtorno autista é o transtorno invasivo do desenvolvimento mais conhecido. Caracteriza-se por um prejuízo marcado e sustentado da interação social, por distúrbios de comunicação e por padrões restritos e estereotipados de comportamentos e interesses (MARTINS, PREUSSLER e ZAVASCHI, 2002, p. 41).



Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as possibilidades e os desafios encontrados na inclusão educacional de alunos com autismo, bem como analisar as implicações das interações sociais ocorridas entre o aluno com autismo, os professores e demais alunos no processo de inclusão educacional das pessoas com autismo.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO

A inclusão educacional é um tema complexo e bastante discutido, no entanto, está longe de um consenso. Algumas pessoas acreditam que a simples inserção do aluno com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais - NEE na escola regular já se configura em inclusão, outros postulam que, a inclusão não se resume a matrícula na escola. Adota-se neste trabalho a concepção de que a educação inclusiva não se limita à inserção do aluno na escola, mas implica em promover aos alunos com deficiência e/ou NEE acessibilidade aos recursos, conhecimentos, espaços, dentre outros, disponibilizados as demais pessoas da comunidade escolar. Diante dessas colocações é possível constatar que a educação inclusiva requer um novo modelo de escola que: leve em conta as especificidades de seu alunado e priorize recursos e métodos de ensino eficazes e flexíveis. Uma escola organizada dessa maneira não vai beneficiar apenas alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais, mas todos os alunos e demais membros da comunidade escolar.

A partir dessas considerações, percebe-se que é viável a inclusão educacional de alunos com autismo, e que inclusão precisa acontecer, pois, as pessoas com autismo têm garantido legalmente o direito de conviver em ambientes educacionais não segregados que contribuam para o seu desenvolvimento (BRASIL, 1996; 2001). Também, as escolas regulares possuem rotinas e situações específicas de aprendizagem e interações sociais que podem contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem desses alunos. Contudo, a escola pública ou particular precisa estar preparada para receber e oferecer respostas educacionais adequadas a tais alunos, removendo barreiras que podem ser constituir em impedimentos para a permanência, aprendizagem e desenvolvimento desses alunos.

Rivière (2004, p. 249) destaca alguns pontos que devem ser levados em consideração para lograr êxito na inclusão de alunos com autismo nas escolas regulares, dentre eles:

- São preferíveis as escolas de pequeno porte, com poucos alunos e que não exijam interações de grande complexidade social;
- Devem-se evitar as escolas excessivamente ruidosas e despersonalizadas;
- É imprescindível um compromisso efetivo do conjunto dos professores e dos professores concretos que atendem o aluno com autismo;
- É importante haver recursos complementares, professores especializados;
- É muito importante fornecer pistas aos colegas da criança com autismo para compreender e apoiar suas aprendizagens e relações.

Acrescentam-se ainda como pontos a serem considerados: importância de capacitar à comunidade escolar através de palestras e atividades de sensibilização antes da chegada e durante a permanência do aluno na escola. A necessidade do professor conhecer e adotar, se for necessário, sistemas de comunicação alternativa⁴ para se comunicar com o aluno com autismo,

⁴ “A comunicação alternativa faz uso de símbolos que têm como base as questões concretas do cotidiano que a pessoa utilizará. Com esses são formadas pranchas de comunicação que serão gradativamente incorporadas ao



se ele não fizer uso de linguagem oral e utilizar estratégias para prevenir condutas inadequadas ou direcionar o comportamento do aluno para outros comportamentos ou atividades (FERNANDES e outras, 2007).

Contudo, a inclusão educacional não é uma tarefa fácil, ela propõe uma modificação nos sistemas de ensino e na estrutura escolar, e mudar não é fácil, a mudança traz medo, gera insegurança, pois, ela implica sair de uma posição que já se está acostumado e ir rumo ao desconhecido. Assim, a proposta da inclusão e ainda mais quando se trata da inclusão de alunos com autismo impõe grandes desafios, como: lidar com a diversidade; formação adequada e aperfeiçoamento constante de professores; utilização de metodologias, instrumentos, formas de avaliação e comunicação diferentes das convencionais; adaptações na estrutura escolar, no currículo, no plano de aula, ensino e nos projetos educacionais; envolvimento e compromisso de toda a comunidade; parcerias efetivas com profissionais e instituições especializadas; superação dos mitos e preconceitos que cercam a questão da diferença.

Machado e Oliveira (2007, p. 42) ao abordarem sobre as adaptações curriculares com base nos Parâmetros Curriculares: adaptações curriculares – estratégias para educação de alunos com necessidades educacionais especiais trazem possíveis caminhos para o atendimento a diversidade que se constituem em desafios para as práticas escolares inclusivas:

- Construir propostas pedagógicas baseadas na interação com os alunos.
- Reconhecer os tipos de capacidades presentes na escola.
- Seqüenciar conteúdos e adequá-los aos diversos ritmos de aprendizagem.
- Utilizar metodologias adequadas e motivadoras.
- Optar por um paradigma de avaliação processual e emancipadora.

Além dos desafios citados e dos demais que podem ser encontrados no cotidiano escolar, existem as possibilidades. Uma educação inclusiva não é uma quimera, um sonho irrealizável, ela é possível e algumas escolas têm experimentado o movimento de inclusão, aos poucos os sistemas rígidos uniformes e uniformizados vão cedendo espaço a sistemas mais flexíveis. Crianças, jovens e adultos que apresentam características particulares passam a viver/conviver com outras pessoas que também possuem suas especificidades. E, nesse movimento percebe-se que não só as pessoas com deficiência e/ou NEE são beneficiadas com esse convívio, mas todos os envolvidos tiram proveitos e lições de tão rica experiência, aprendem dentre outras coisas, a ver a riqueza na diferença, a ser tolerantes e compreensivos, a não julgar pela aparência e a trabalhar em grupo.

O ESTUDO DE CASO

Para o desenvolvimento do presente trabalho foi adotada como opção metodológica o estudo de caso, que é um enfoque qualitativo de pesquisa. A opção adotada se deu por permitir a observação do cotidiano escolar de uma sala de aula inclusiva que atende um aluno com autismo, com vistas a perceber o impacto das relações estabelecidas, entre o aluno com autismo, seus colegas e o professor no cotidiano escolar no processo de inclusão. Com essa finalidade foram realizadas cinco observações de quatro horas diárias na classe e nas demais dependências da escola frequentadas pelo aluno no período observado, bem como contatos com as duas

repertório do aluno” (FERNANDES e outras, 2007, p. 163). Tais sistemas são eficazes para o estabelecimento da comunicação.



professoras responsáveis pelo aluno. Os contatos foram realizados no intuito de obter maiores informações sobre o processo de inclusão do aluno e esclarecimentos sobre a observação.

A escola

A pesquisa foi realizada em uma escola de educação infantil e ensino fundamental I (1ª a 4ª série) pertencente à rede particular de ensino, localizada na cidade de Salvador-Bahia. A escola é de médio porte, têm vários cômodos, possui área de lazer para os alunos, espaço para festividades e salas de aula confortáveis. Apresenta um clima agradável e boa recepção por parte dos funcionários, direção, coordenação. Na escola, há outros alunos com deficiências e/ou necessidades educacionais especiais, a saber, com: Síndrome de Down, Síndrome de Asperger, dois alunos com autismo, deficiência motora. A escola demonstra um bom acolhimento em relação aos alunos, e eles demonstram gostar do local.

A escola trabalha com a Pedagogia Montessoriana, pedagogia que tem seu alicerce nas idéias da médica italiana Maria Montessori. De acordo com Zacharias (2005) “O método Montessoriano tem por objetivo a educação da vontade e da atenção, com o qual a criança tem liberdade de escolher o material a ser utilizado, além de proporcionar a cooperação”.

Pode-se constatar no decorrer das observações, que a escola trabalha no sentido de estimular a autonomia dos alunos, propiciando liberdade para que eles escolham as atividades que querem realizar e que tenham desejo de aprender. A escola trabalha com salas agrupadas, ou seja, duas salas, com séries diferentes, no caso observado, primeira e segunda série, e duas professoras são responsáveis pelo trabalho, o número de aluno varia de 10 a 12 alunos por sala, os alunos circulam livremente pelas duas salas.

A metodologia utilizada na escola é bastante interessante, pois, não há aulas, pelo menos não como se está acostumado, nas salas há poucas cadeiras (insuficientes para todos os alunos) e os alunos fazem atividades diferentes, por exemplo, não há uma uniformização, enquanto um aluno está realizando a atividade de matemática, o outro está no parque, lanchando ou fazendo outra atividade. A professora costuma sentar no chão com os alunos para conversar sobre as atividades que serão realizadas no decorrer da aula ou explicar algum assunto e os alunos ficam sentados no chão ou nas cadeiras para desenvolver as atividades.

A professora permite e incentiva que os alunos ajudem os colegas na realização das atividades. Nos momentos em que há um ensino individualizado, a professora se aproxima do aluno para corrigir as atividades e sanar as eventuais dúvidas e dificuldades. Foi possível verificar que as características relatadas acima acabam facilitando a inclusão de alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais, já que algumas vezes, esses alunos necessitam de um tempo maior, adaptação, flexibilidade, ensino individualizado ou trabalhar em grupo para conseguir realizar as atividades escolares.

O aluno com autismo

Gustavo⁵ é um adolescente de 15 anos, têm três irmãos, mora com os pais e os dois irmãos. Está incluído na 2ª série de uma escola particular, já está na escola há três anos, entrou na alfabetização. O aluno já chegou alfabetizado na escola, sabe ler e conhece a grafia das palavras. Em relação ao comportamento, Gustavo apresenta ecolalias, repete palavras e frases; comportamentos estereotipados, anda de um lado para o outro; e quando contrariado comportamentos auto e hetero-agressivos, como bater a cabeça ou outra parte do corpo na

⁵ Nome fictício



parede e empurrar ou tentar bater em quem estiver na frente. Gustavo gosta muito de música, tem facilidade para aprender as letras e melodias das músicas ouvidas. E, fora da escola, o aluno conta com uma professora que o auxilia nas atividades em casa, é atendido por uma musicoterapeuta e tem o apoio dos pais que possibilitam que ele participe das atividades do cotidiano familiar.

É importante ressaltar que Gustavo possui uma condição financeira favorável, participou de programas de estimulação precoce, seus pais possuem bastante conhecimento sobre o autismo e constantemente participam como palestrantes de eventos relacionados ao tema.

A Experiência Observada

Para uma melhor compreensão das questões analisadas, os relatos das observações serão apresentados em duas categorias, previamente estabelecidas, interação e aprendizagem. Entende-se, no entanto, que essas categorias não são estanques, elas se cruzam no decorrer das observações. Sendo assim, foi possível verificar situações de aprendizagem, em que ocorriam interações e vice-versa, esta divisão foi realizada com vistas a possibilitar uma visão mais clara dos acontecimentos.

Em relação às interações, foi possível constatar que Gustavo interage com as pessoas que fazem parte da comunidade escolar. Quando as pessoas se aproximavam dele para cumprimentá-lo ele demonstrava conhecê-las, pois, sabia os nomes, quando a professora perguntava quem era a pessoa, ele falava o nome corretamente e na maioria das vezes respondia aos cumprimentos. Em uma determinada ocasião, a diretora perguntou como era o nome da pessoa que estava chegando, neste caso era a coordenadora da escola, e ele respondeu corretamente. Essas constatações reforçam a idéia de que não pode haver generalizações, pois, apesar alguns autores, enfatizarem que as pessoas com autismo são alheias ao mundo ao redor e que não demonstram interesse pelas pessoas, utilizando-as somente como objetos para realizar suas vontades, o aluno com autismo observado demonstrava interesse pelos colegas e professoras.

A pessoa que o aluno tem como referência na escola é a professora Francis⁶, pois, foi à pessoa que ele demonstrou um maior contato, o aluno tem uma relação afetiva com a professora, ela é sua professora desde o ano passado, ela sempre é chamada para conter o aluno nos momentos em que ele apresenta comportamentos agressivos. O aluno permite que a professora o toque, faça carinho, ele atende aos pedidos feitos por ela e obedece a suas ordens, ele também retribui os carinhos recebidos. Diante destas observações foi constatado o que Trevarthen (1996 *apud* BOSA, 2002, p. 34) afirmou que “nem todos os autistas mostram aversão ao toque ou isolamento”. E que alguns até buscam o contato físico com os pais e professores (BOSA, 2002).

A professora tem um bom vínculo com o aluno, ela sempre procurava acolhê-lo e escutá-lo. Em várias ocasiões deixava os demais alunos na sala com a outra professora e ia conversar com o aluno. No decorrer das observações constatou-se que o vínculo mantido entre o aluno e a professora, facilitava o processo de inclusão, pois, a professora conseguia fazer com que o aluno superasse alguns comportamentos agressivos, e por conseqüência, apresentasse comportamentos mais adequados. Em alguns momentos, quando era impedido de fazer algo que queria, Gustavo começava a bater a cabeça na parede ou dar murros na própria cabeça. Nessas ocasiões, a professora dizia que ele ia se machucar, falava num tom enérgico que não era para fazer aquilo, e ele parava de fazer.

No diário de campo está registrado um exemplo do que foi dito “Gustavo estava deitado em um banco que ficava no pátio da escola, a professora o chamou para fazer a atividade, ele não

⁶ Nome fictício



quis ir, a professora insistiu e ele começou a bater cabeça na parede, a professora reclamou com ele, explicou que não era para ele fazer aquilo e ele parou de se agredir”. Quando o aluno ficava nervoso e tentava agredir os colegas, a professora tentava se antecipar a estes comportamentos. Em uma conversa, a professora Francis informou que quando Gustavo apresentava comportamento agressivo uma das estratégias que ela utiliza é imitar as coisas que ele gosta de fazer até que ele se acalme.

Com relação aos colegas percebeu-se que eles se aproximavam do aluno com autismo, quando possível o ajudavam e o auxiliavam em alguma atividade, como guardar seus materiais. A maioria não demonstrava nenhum preconceito para com o aluno. Quando perguntado as professoras como é a relação do aluno com autismo com os outros colegas, a resposta foi: “Boa. Porém quando ele fica nervoso, as crianças ficam com medo dele” (Professora Francis). “Boa, mas dentro de suas limitações” (Professora Nanci)⁷. Os colegas demonstravam respeitar as peculiaridades do aluno e aceitá-lo. Gustavo demonstrava gostar e sentir falta dos colegas, pois, quando percebia a ausência de algum colega, ele perguntava a professora pelo mesmo. Foi possível constatar tal afirmação em dois momentos, no primeiro, ele perguntou por um colega e a professora respondeu que havia faltado, o aluno não se deu por satisfeito e perguntou novamente, quando a professora explicou o motivo da falta, ele não tocou mais no assunto. Outro momento foi quando ele perguntou por um colega, que sempre o elogiava e o incentivava a participar das atividades, a professora falou que o aluno estava atrás dele e perguntou se ele gostava do menino, ele respondeu que sim.

O aluno se comunica oralmente com as professoras, colegas e outros funcionários da escola. Em alguns momentos Gustavo apresentava fala ecológica e demonstrava não entender o que estava sendo perguntado ou solicitado, quando isso acontecia à professora repetia a pergunta de outra forma (de forma mais direta) e o aluno acabava entendendo. Quanto aos sentimentos e desejos, foi possível perceber que o aluno os expressava de diferentes maneiras, a saber, oralmente, através de ecolalias ou de comportamentos agressivos, repetitivos e estereotipados. Em relação às ecolalias e aos comportamentos repetitivos e estereotipados, verificou-se que a professora utilizava tais comportamentos para estabelecer uma comunicação com Gustavo e fazer com que aos poucos ele fosse abandonando-os. Em vários momentos, o aluno começava a falar palavras e fazer gestos, que pareciam sem sentido e a professora ia tentando dar significado e procurando entender o que ele queria expressar.

No que diz respeito à aprendizagem, verificou-se que o aluno não participava da aula espontaneamente, ele falava somente quando a professora solicitava sua participação. Os colegas e professores incentivavam o aluno a participar da aula, o chamando para a roda, para fazer as atividades, mas algumas vezes Gustavo se recusava. Sendo necessário à intervenção da professora ou em outros momentos deixar que ele ficasse no pátio ou deitado no meio da sala de aula.

O aluno realizava algumas atividades escolares, sempre fazia o diário, mas, por conta das características próprias das pessoas com autismo, não conseguia ficar muito tempo na sala, e se forçado apresentava comportamentos agressivos, o que impedia que ele realizasse todas as atividades escolares. Quanto às atividades, elas sempre eram realizadas com o auxílio da professora. Em uma ocasião uma colega pediu para ajudá-lo a fazer as atividades, a professora permitiu que a colega ajudasse e quando terminou a atividade a professora pediu que o aluno agradecesse a colega pela ajuda, ele agradeceu, a colega lhe deu um abraço e ele sorriu

⁷ Nome fictício



A interação com os colegas é de fundamental importância para o aluno. Sobre a importância das interações entre os alunos, Oliveira (1993, p. 64) com base nas idéias de Vygotsky ressalta que:

Com relação à atividade escolar, é interessante destacar que a interação entre alunos também provoca intervenções no desenvolvimento das crianças. Os grupos de crianças são sempre heterogêneos quanto ao conhecimento já adquirido nas diversas áreas e uma criança mais avançada num determinado assunto pode contribuir para o desenvolvimento das outras.

Daí verifica-se a importância de investir em atividades em grupos e de possibilitar que os alunos colaborem com os colegas para a realização das tarefas.

Constatou-se, mais uma vez, a importância da intervenção da professora, pois, sem ela, o aluno não realizaria as atividades. O conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky é bastante interessante e provoca uma reflexão sobre esta intervenção. De acordo com Oliveira (1993, p. 60) Vygotsky define a zona de desenvolvimento proximal como:

[...] a distancia entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

A professora e os colegas atuam na zona de desenvolvimento proximal do aluno, ajudando na realização de atividades que no momento ele não tem condições de realizar sozinho e favorecendo o surgimento de comportamentos, que se não fosse à inserção em um grupo com pessoas diferentes não seria possível. Sobre isto, as duas professoras informaram nos contatos realizados que a escola e a convivência com os demais colegas têm contribuído para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno com autismo. Elas relataram que já houve mudanças no comportamento do aluno que podem ser atribuídas à interação como os colegas e que essas mudanças podem ser notadas na realização das atividades e nas apresentações em festas.

O aluno demonstra ter o cognitivo preservado, sabe ler, escrever, na maioria das vezes entende as explicações e solicitações da professora, quando apresenta dificuldade, a professora faz a pergunta e explicação de outra maneira e o aluno entende.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados revelaram que aconteciam interações sociais entre o aluno, professora e os colegas de classe e que essas interações eram benéficas para o aluno, pois, facilitavam o processo de inclusão e através delas o aluno era estimulado a abandonar comportamentos agressivos, estereotípias e apresentar condutas mais aceitáveis socialmente. Constatou-se também que a professora possuía um papel fundamental no processo de inclusão do aluno, pois, conseguiu estabelecer um bom vínculo com o aluno e agir como uma mediadora na relação dele com os demais alunos e pessoas da comunidade escolar. Além disso, através das suas intervenções o aluno conseguia modificar alguns comportamentos e realizar as atividades escolares.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito à interação do aluno com os colegas, foi possível perceber que eles aceitavam, respeitavam o aluno e que alguns até o estimulavam a participar das atividades e o auxiliavam na realização das mesmas. Foi possível observar a



importância das interações com os colegas para o aluno, pois, o mesmo sentia falta dos colegas, o que supera estudos que ressaltam que pessoas com autismo não demonstram interesse pelas pessoas ao redor. Verificou-se ainda que, a escola em que o aluno estava incluído possuía uma boa estrutura física e condições materiais que possibilitavam a inclusão. A metodologia de trabalho adotada na escola favorecia o trabalho com o aluno, já que para realizar as atividades o aluno necessitava de um apoio individualizado e isso era oferecido pela professora. O estudo demonstrou que apesar das dificuldades encontradas, é possível a inclusão educacional de alunos com autismo, desde que sejam garantidas as condições básicas para o atendimento das necessidades educacionais especiais desses alunos.

REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice (orgs.). **Autismo e Educação**: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes para Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, MEC/SEESP, 2001.

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas et. al. Alunos com condutas típicas e a inclusão escolar: caminhos e possibilidades. In: GLAT, Rosana (org.) **Educação inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

MACHADO, Kátia da Silva; OLIVEIRA, Eloiza. Adaptações curriculares: caminho para uma educação inclusiva. In: GLAT, Rosana (org.) **Educação inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

MARTINS, Ana S. G; PREUSSLER, Cíntia M; ZAVASCHI, Maria L. S. A Psiquiatria da Infância e da Adolescência e o Autismo. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice (orgs.). **Autismo e Educação**: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico. São Paulo: Spicione, 1993.

RIVIÈRE, Angel. O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara. **Montessori**. In: CENTRO DE REFERENCIA EDUCACIONAL. Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/montesso.html>. Acesso em: 23 maio 2008.